

## CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO ONTOLÓGICO PARA OS CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS DO FENÔMENO DA POSSESSÃO

Ana Maria Valias Andrade Silveira  
(UFGD/ ana\_vallias@hotmail.com)

### RESUMO

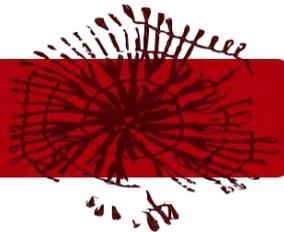
O presente artigo tem por objetivo expor as contribuições das ideias de Latour (2012) sobre as associações, a nova composição do social e o ator-rede, como um exercício ontológico para pensar o fenômeno da possessão. Para tanto, serão trazidas considerações dos intelectuais e os caminhos percorridos na tentativa de explicação do fenômeno, e também trazer algumas evidências do campo empírico que determinam as aproximações entre as categorias do pensamento intelectual e as categorias nativas a partir dos dados de campo coletados durante pesquisa realizada no ano de 2013. A ideia é pensar em como as relações entre espíritos e humanos podem ampliar o entendimento sobre o fenômeno da possessão, e o quanto isso pode contribuir ao exercício antropológico que se abre para novas possibilidades de produção do conhecimento. O objeto deste texto é abordar a prática da possessão em uma tentativa de compreender como a relação humana e não-humana (espíritos) se instaura. Logo, vamos dizer um pouco sobre esta relação através do fenômeno da posse e as transformações explicativas acerca desta prática como um caminho que possibilita o entendimento de como é construída e tecida aquilo que chamo de rede espiritual.

**Palavras-Chave:** Ontologia; Possessão; Associações

### ABSTRACT

The present article aims to expose the contributions of Latour's ideas (2012) on associations, the new composition of the social and actor-network, as an ontological exercise to think about the phenomenon of possession. In order to do so, we will bring forward the considerations of the intellectuals and the paths covered in the attempt to explain the phenomenon, and also bring some evidence from the empirical field that determine the approximations between the categories of intellectual thought and the native categories from the field data collected during research held in the year 2013. The idea is to think how the relations between spirits and humans can broaden the understanding about the phenomenon of possession, and how much this can contribute to the anthropological exercise that opens to new possibilities of knowledge production. The object of this text is to approach the practice of possession in an attempt to understand how the human and nonhuman relationship (spirits) is established. Therefore, it says little about this relationship through the ownership phenomenon and the explanatory transformations about this practice as a way that allows the understanding of how it is constructed and woven into what is called here *spiritual network*.

**Keywords:** Ontology; Possession; Associations



## INTRODUÇÃO

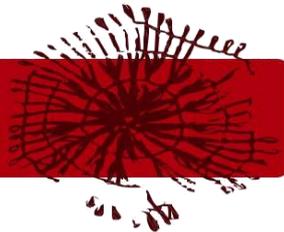
O pragmatismo do fenômeno da posse<sup>1</sup> é elaborado por agentes que participam de um campo de espiritualidade abrangente. Neste campo, as relações humanas com agências espirituais são instauradas por um elemento conservador que opera a partir das elaborações filosóficas e científicas que explicam os meios pelos quais o fenômeno da posse é possível. Tais estruturas, apesar de se manterem fixas nos preceitos da ciência do espírito, passaram por constantes transformações. Os elementos transformadores ajudam a compreender os passos, ainda que processuais, que serviram para a construção de várias formulações teóricas (intelectuais) e empíricas (agentes sociais), que buscam fornecer explicações sobre o fenômeno da posse, do transe, da mediunidade.

Em suma, a categoria mais ampla para designar tais explicações é apreender os efeitos que a relação entre humanos e espíritos causa ao indivíduo que vivencia esta experiência. Durante muito tempo, o foco das explicações sobre o fenômeno da possessão voltou-se de modo exclusivo para compreender os impactos no indivíduo como se a presença espiritual não tivesse absolutamente nada a contribuir com os efeitos. Assim, perdia-se a possibilidade de um entendimento mais profundo ao dispensar o caráter relacional da comunicabilidade com os espíritos, seja com uma formulação ideológica ou corporal, considerando que, por detrás dos efeitos, havia causas que podiam ser observadas no instante em que se ampliavam os campos de associações.

O objetivo deste artigo é demonstrar, através da categoria da transformação, o conjunto de variações explicativas sobre a prática da comunicação com os espíritos, tanto entre os intelectuais, como também os agentes humanos pertencentes às religiões que possibilitam esta relação, aqui denominadas de religiões mediúnicas. Tais comunicações extrapolam a linguagem do corpo, envolvendo a presença e as relações mantidas e instauradas do ponto de vista do afeto que produz efeitos nas elaborações. As associações servem de referência para a reflexão: será que as análises sobre o fenômeno da posse (GOLDMAN, 2009) não apresentam limitações ao dispensarem

---

<sup>1</sup> Terminologia utilizada para designar um fenômeno em que o indivíduo se vê influenciado por forças invisíveis, porém muito presentes. Seja como uma presença divina, ou uma presença espiritual. A posse é a mediação entre o mundo do invisível e o mundo visível.



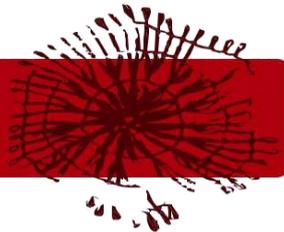
relações associativas, priorizando os efeitos da individuação? E ainda que se concebam as interferências destes na vida dos agentes humanos, será que de fato esta existência é mantida no corpo das relações como agências que afetam e são afetadas a partir das relações espirituais compostas pelas redes que a compõem?

Nessa perspectiva, podemos inferir que as redes espirituais envolvem humanos e não humanos (espíritos), ambos interferindo e mantendo os vínculos. Este artigo não propõe apresentar possíveis caminhos para obtenção de um entendimento mas, sim, fomentar perguntas reflexivas sobre o tema do ponto de vista ontológico, de como poderíamos conceber tais existências (redes espirituais) à luz do pensamento antropológico (sob a égide científica) que se propõe a dar visibilidade às várias formas de existência.

## **ELEMENTOS TRANSFORMADORES DOS INTELECTUAIS**

Serão apresentados os conjuntos variáveis das explicações de sociólogos e antropólogos acerca do fenômeno da possessão. O objetivo é perceber os processos pelos quais a estrutura da concepção prática da comunicação com os espíritos foi apresentada do ponto de vista dos intelectuais, reconhecendo que, naquele momento histórico, os pesquisadores estavam em busca de um entendimento etnocêntrico sobre os africanos que foram transplantados para o Brasil e aqui transformaram as modalidades religiosas de seu país de origem (STRAUSS, 1970). Os primeiros estudos sobre o fenômeno da possessão ocorrem no instante em que os intelectuais estavam em busca da África no Brasil através da religiosidade africana e rituais mágicos dos escravos fetichistas (RODRIGUES, 1900) e seus rituais mágicos.

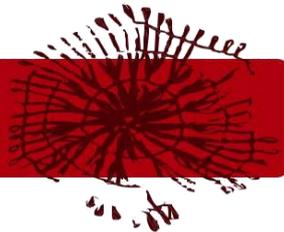
Raimundo Nina Rodrigues é reconhecido por seu estudo pioneiro sobre os costumes e crenças religiosas dos escravos no Brasil e, do ponto de vista da ciência médica, o autor realizou uma pesquisa nas pegadas do período evolucionista, obtendo informações importantes para aquele período sobre as crenças religiosas dos africanos e seus descendentes no contexto nacional. Ao reconhecer a raça negra com tendência à histeria, o autor trata as manifestações religiosas afro-brasileiras de um modo geral como uma alienação passageira ligada a um quadro anormal atribuído a uma intervenção sobrenatural (SERAFIM, 2010).



A primeira problemática é que a prática da possessão é observada enquanto um fenômeno de santo, o que pode limitar o entendimento desta prática de modo mais abrangente, pois a relação com um “santo” no candomblé é específica e diferente quando se refere ao mesmo fenômeno das práticas mágicas a quem Aubréé e Laplantine (2009) denominam de “baixo espiritismo” em que a possessão envolve outros corpos individuais, “os espíritos”. No candomblé, o “santo” é a manifestação energética da natureza, enquanto que no “baixo espiritismo”, a manifestação é de individualidades com capacidades humanas próprias dos indivíduos. Na possessão, segundo o autor, o estado mental da raça negra está ligado a fenômenos parapsicológicos relacionados a doenças mentais. O autor vai buscar explicações do fenômeno na psiquiatria a partir de uma visão biológica, o que promove um desvio do ato em si e seus efeitos.

As acepções de Nina Rodrigues se enquadram dentro dos padrões analisados por Bruno Latour sobre “o culto moderno dos deuses fe(i)tiches”. Dentro das pretensões do moderno autor, nota-se que ele se coloca acima da evolução humana quando expressa suas concepção analíticas sobre o animismo fetichista, no entanto, apesar da sua consciência superior, a respeito dos termos pejorativos como ‘fetiche’ e ‘culto’, afirma: “(...) os modernos não se mostram a partir de então desprovidos de fetiche, nem desprovidos de culto, como eles se acreditavam, seja para se vangloriarem, seja para se desesperarem” (LATOURE, 2002, p. 101). O que é fabricado é negado tanto quanto aqueles que os fabricam.

Os “modernos”, segundo Latour (2002), não demonstram pretensão em ser superados pelos acontecimentos, mantendo o domínio, encontrando a fonte no sujeito e desprezando o sujeito como fonte. Ainda aqui, o agente humano é colocado dentro de uma condição em que sua presença, embora observada, permaneça negada, relegada a espaços em que há impossibilidade dialógica de compreender a possessão em outros campos que não o médico-científico, negando o entendimento do aspecto social. Nina Rodrigues acredita que a existência do negro é uma doença, o que fomenta a descontinuidade do entendimento da relação humana e as agências espirituais instauradas. Em contrapartida, talvez o entrave em conceber esse fenômeno somente do ponto de vista psiquiátrico esteja relacionado ao pensamento dual, puro e dissociável, em que as relações eram mantidas e contidas, o que de fato limitou a condição do autor em conceber possíveis ligações entre o patológico e o social (BASTIDE, 1972).

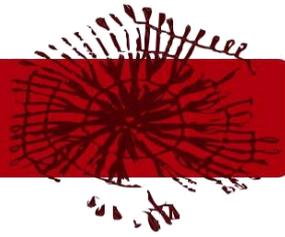


Nos estudos do transe, Roger Bastide (1972) vê no manifesto aparentemente assustador, desconexo e desenfreado do fenômeno uma corporeidade regrada e ao mesmo tempo litúrgica, prática esta que estaria vinculada a uma lógica mitológica revestida de sentido. Neste contexto, o autor apresenta duas formas distintas deste fenômeno: ascendente/descendente, ou transe/possessão. A ideia do transe estaria ligada a algo intempestivo, marcado por manifestos mal vistos como resultantes perturbadoras no tratar das intervenções espirituais no corpo receptor. Já a possessão é vista com benefícios e manifestos passíveis de domesticação, com condições de controle e domínio do mediador sobre a entidade, o que a transforma em comunicação, pois há um princípio ordenado e, em contrapartida, o transe obtinha princípios desordenados (BASTIDE, 1972). Ainda que o autor inicie uma ideia conexa de sentido sobre a possessão, permanece reproduzindo o caráter dual, colocando o transe em desvantagem com a prática da possessão:

(...) existem duas formas de conversão psicossomática, duas formas de linguagem do corpo: uma conversão dessocializante, que transmuta os símbolos em sintomas e pode ser considerada, sobretudo no caso da histeria, um pedido de socorro; e uma conversão que, ao inverso, visa transformar o sintoma em uma linguagem rica de símbolos, conduzindo o corpo do dançarino em direção a uma linguagem plenamente socializante (BASTIDE, 1972, p. 16-17)

Uma das maiores contribuições dos estudos de Roger Bastide foi o momento em que as atenções se voltaram para o contexto brasileiro, na tentativa de compreender a religião africana “no Brasil”, através da elaboração do ponto de vista sociológico das religiões africanas. Nesse sentido, convém demonstrar as contribuições sociológicas de Bastide para a continuidade do entendimento do campo prático da possessão. De acordo com o autor, a possessão possui capacidade de produzir o social das religiões africanas. O social não tem capacidade de explicar a religião, e são os elementos místicos que possuem capacidade de determinar os aspectos sociais. As conexidades entre a organização social e o pensamento das religiões africanas são privilegiadas pelo autor, assim como a capacidade das religiões africanas sobreviverem nas infraestruturas em que estavam inseridas, assim como possuem capacidade de produzir outras formas de organizar o social a fim de garantir sua sobrevivência (GOLDMAN, 2009).

Ainda que se reconheçam as limitações da abordagem de Bastide diante das práticas da possessão, é notável que suas contribuições que permitiram maior



aproximação destas práticas como possibilidades de inteligibilidade, captando termos próprios como “cavalos de santo” evidenciando categorias êmicas para pensar as relações, sendo o fenômeno da possessão analisado do ponto de vista cultural, ainda que não rompa totalmente com a ideia da possessão vinculada à natureza psicossomática, captando o sentido e apreendendo o caráter participativo e decisivo desta prática para a manutenção sociológica das atribuições místicas da religião. O transe, a partir desta concepção, é visto como um fator social total, seguindo a linha do sociólogo Durkheim, tendo em vista que suas condições explicativas estavam diretamente relacionadas ao contexto social.

Até aqui, a prática da possessão foi abordada sob o aspecto sociológico no contexto das religiões africanas no Brasil, assim, os intelectuais ainda não haviam de fato admitido o caráter relacional da possessão, os afetos e os efeitos que tais fenômenos incidem na vida social do indivíduo e também na vida social dos agentes religiosos. A autora de “Transas e transes” (2005), Patrícia Birman, inicia seu texto com questões vitais para se pensar o modo como a possessão foi abordada na perspectiva antropológica e sociológica do campo religioso envolvido. A autora, então, propõe duas reflexões importantes: a primeira diz respeito ao modo como os intelectuais se relacionam com a ideia de possessão, e a segunda, a possessão e os comportamentos de gênero e sexualidade dos mediadores dos dois mundos. Com relação à primeira questão, os intelectuais lidam com a presença espiritual de modo irrelevante para se pensar o indivíduo que se comunica com os espíritos, apesar de serem analisados tendo em vista a crença do outro que toma o fenômeno com propriedade a partir das experiências apreendidas da existência (BIRMAN, 2005).

Ao falar da possessão, a construção da pessoa é extremamente complexa e tal complexidade exige que os “outros” espirituais que ocupam a vida dos mediadores sejam mencionados como parte da realidade, no sentido de que as resultantes destas relações incidam na vida das pessoas que vivenciam estas experiências e que atribuem sentido ao estabelecerem relações com os espíritos. A prática da possessão interlaçam deuses, espíritos e humanos, indo além. No momento em que a possessão intervém na relação dos humanos, elas ocasionam um novo contexto social, assim, a autora encaminha uma possível aproximação das entidades espirituais com agências que produzem efeitos e reconfiguram o social. No entanto, ainda que haja interferências



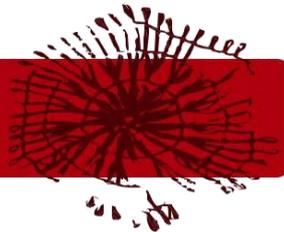
espirituais nos indivíduos, os espíritos permanecem sendo tratados como personagens irrealis, uma vez que ainda que se conceda o caráter relacional, a perspectiva ontológica não aparece, pois se o termo irreal aparece, significa que a existência em si das agências espirituais ainda não é admitida (BIRMAN, 2005).

Os efeitos da possessão na constituição do gênero foram reflexões pioneiras que marcam o momento em que os intelectuais começam a se atentar quanto as interferências que as entidades espirituais exercem na vida dos mediadores, considerando os impactos e as mudanças nas relações que a autora Patrícia Birman reconhece como um triângulo amoroso ao mencionar a tríade: mulher, marido e a ‘pomba-gira’ da mulher. Estas relações dinamizam ao passo que envolvem construções e atribuições de gêneros distintos, tenho em vista o número crescente de homossexuais que são mediadores das entidade chamada ‘Pomba-Gira’<sup>2</sup>, tendo estas, papel importante em suas vidas sob o aspecto social, indo além, isto demonstra o espaço amplo e acolhedor que as religiões afro-brasileiras oferecem para os homossexuais, sendo estes indivíduos que se localizam à margem do contexto ortodoxo e conservador representado pelas religiões universais (ORTIZ, 2015). O papel das entidades na vida social dos indivíduos é admitido, mas ainda não há menções que advogam uma ação determinando que estes agentes espirituais sejam também indivíduos não apenas pelo “através de”, mas, sim, o são de fato. A autora Kelly Black Hayes, caminha para além de Birman, constatando que as entidades possuem vontade própria (HAYES, 2004), a partir daí, começa-se a pensar que as entidades não possuem uma ação em conjunto indissociável com os espíritos, mas, sim, existem do ponto de vista dissociável do indivíduo, o que demonstra uma individualidade que entre em contato com outra individualidade, possibilitando, assim a construção de uma relação entre duas agências: humana e espiritual.

Márcio Goldman (1982) atua na reflexão enfatizando duas correntes explicativas sobre o transe: a biológica e a sociológica. Esta última ganha maior visibilidade pelo autor que enfatiza que a possibilidade de compreender o transe exige uma compreensão

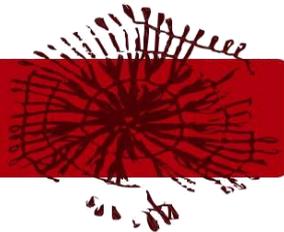
---

<sup>2</sup> Entidade parte do imaginário religioso afro-brasileiro. Esta figura é a personificação da figura feminina, representada com um trickter característico de uma mulher da vida, alegre, sensual, risonha, aquela que nunca tem nada a perder. Muito requisitada nos terreiros de Umbanda para solução de problemas emocionais e conjugais. Pomba Gira é o exu mulher, sendo sua presença cultuada também nos rituais de Candomblé.



da articulação mantida entre o transe propriamente dito e o culto com a sociedade, tendo em vista o aprofundamento da estrutura do culto e do transe. A possessão é vista como um ritual e a atuação do transe se dá a partir de um elemento transformador vivenciado nas experiências destas práticas, assim, o transe exige refletir com maior intensidade sobre a noção de pessoa, pois aqui a função dele é operar sobre o indivíduo e não o contrário. O contexto religioso da análise do transe foi realizado pelo autor no Candomblé, cuja relação estabelecida com as divindades apresenta especificidades que comprometem as crenças, especialmente na forma como são construídas as pontes conexas entre os medianeiros e os deuses. Neste aspecto, das práticas do fenômeno da possessão, ao envolverem espíritos, ocorrem novas perspectivas e outros estabelecimentos de contato. É indispensável localizar formas de pensar o fenômeno da posse: a possessão de natureza energética (Candomblé), e a possessão de espíritos (Umbanda/espiritismo).

O processo explicativo do fenômeno da possessão tenta dar conta de explicar o fenômeno no indivíduo e nas operações deste no corpo que envolve esta individuação e a sociedade em que estabelece relações. Mas, do ponto de vista ontológico, como poderíamos pensar, esta existência captada pelos possuídos, médiuns, ‘cavalos de santo’ e o que eles têm em comum, apesar de todas as explicações fornecidas, não pode ser desconsiderada, mas, sim, repensada nos dias atuais. A proposta, portanto, é pensar na possibilidade de conceber este fenômeno como um dos elementos que proporcionam a condição de intercambiar com outras existências e estabelecer novas sociedades. Do ponto de vista filosófico, ‘pensar a respeito’ exige pensar sobre o papel científico da Antropologia como possibilidade de trazer novos corpos sociais que até então, por não estarem revestidos de humanidade, foram dispensados do olhar antropológico, devido às crenças instauradas pelo lugar de onde falamos e refletimos sobre as coisas e a humanidade das coisas. A ideia é trazer novas problematizações para os estudos da prática da possessão, privilegiando não somente a performance e o aspecto social, mas, sim, compreendendo como as relações com os espíritos se instaura e como podemos apreender estas relações, reconhecendo as limitações do pensamento científico diante do campo religioso. Algumas aspirações do campo empírico possibilitam novos olhares sobre as transformações da concepção prática da possessão através das relações e do agenciamento espiritual.

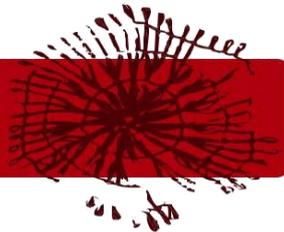


## CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA NATIVA

Em 2013 realizei um estudo sobre o trânsito religioso entre duas casas religiosas, uma de matriz Umbandista e a outra Espírita, se trata da casa Movimento Espírita Francisco de Assis (Espiritismo) e Terreiro Reino de Ogum Beira Mar. O elemento dialógico foi o foco central da pesquisa, pois a casa Umbandista dialogava com os elementos do Espiritismo, e a casa Espírita dialogava com os elementos Umbandistas. Ao observar a dinâmica e a trajetória das duas casas, surge um trânsito religioso, de frequentadores e mediadores entre uma casa e outra. O objetivo foi perceber o princípio do trânsito e os elementos que estavam encaminhando o percurso. A pesquisa demonstrou que o trânsito estava relacionado à trajetória da formação das casas, e as relações sociais entre os indivíduos pertencentes aos espaços religiosos, assim, as relações de parentesco e de afinidade foram as teias que conectaram essas pessoas, que não somente transitavam entre Umbanda e Espiritismo na prática, mas também nas afinidades que mantinham entre ambas as modalidades.

Não somente o elemento das relações sociais marcou o trânsito religioso, mas também a prática da possessão. Dentro das categorias mantidas entre os atores sociais da pesquisa, o termo ‘possessão’ sempre esteve vinculado a uma concepção aberrante, violenta, pensamento que vai ao encontro das explicações que Nina Rodrigues (1900), Arthur Ramos (1940), entre outros intelectuais, dispensam, aproximando tais comportamentos, considerados desviantes, como indício de inferioridade e fraqueza do mediador, à similaridade do pensamento êmico e dos estudiosos constatando a contribuição destes intelectuais quanto à reprodução de seus pensamentos e, assim como os médicos, visualizavam um mal a ser superado e transformado. Nesse sentido, os grupos religiosos também vêm no fenômeno da posse, um mal cabível à domesticação, contribuindo, assim, para a retirada de elementos performáticos agressivos.

As narrativas sobre como eram e como são as práticas da possessão apresentam contrastes. O início da formação das casas religiosas é marcado por um período em que a manifestação dos espíritos no corpo do mediador era muito violenta: *“no início quando a gente começou a trabalhar, os espíritos vinham muito agressivos, o médium*

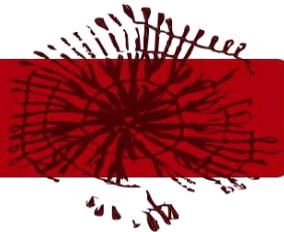


*derrubava cadeira, gritava, tremia, fazia movimentos bruscos, dava medo, eu já vi muita coisa de espírito*” (Benita, entrevista, jun/2013). O termo ‘manifestação’ de espíritos denota que a possessão não é uma experiência individual somente, mas também é coletiva, pois apesar das pessoas presentes não viverem a experiência da posse, elas participam, e creio que esta participação deve ser incluída quando se pretende compreender a natureza deste fenômeno. Dentre muitas falas que vão ao encontro da fala desta interlocutora, o ponto em comum é a lembrança destes fatos relacionados a uma ideia de superação de um comportamento desviante.

Através das experiências que pude apreender na convivência com os atores envolvidos, frequentando as casas religiosas é que, hoje em dia, nas narrativas sobre como eram a comunicação com os espíritos e como ocorrem, pode-se verificar um conjunto amplo de transformações desde a formação da primeira casa “ Centro Espirita Anjo Ismael”. Houve relatos de que haviam possuídos que, na década de 80, eram levados até a casa MEFA (Movimento Espírita Francisco de Assis), para serem libertados das “perturbações”, sendo tais acontecimentos bastante frequentes e bem vivos na memória dos médiuns que viveram naquele período: “(...) *naquela época, havia muitos casos de obsessão complexa e a medicina não dava conta de resolver e não dava conta dos fenômenos*” (Benita, entrevista Jun/2013).

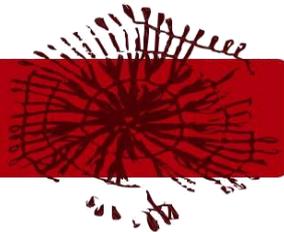
Esta fala fornece indícios de que possivelmente os “fenômenos” eram mais além do que a possessão, pois se tratava de acontecimentos “sobrenaturais” que marcavam aquele momento: “(...) *porque os espíritos nunca vêm sozinhos, a energia é mais forte*” (Maria, entrevista Jul/2013). De acordo com os dados coletados em campo, fica constatada a capacidade ampla do fenômeno da possessão, considerando que a individuação desta experiência não é suficiente, pois quando estão indivíduo incorpora um espírito observa todos ao seu redor, ao mesmo tempo que é também observado, lido e pode estar vinculado a acontecimentos de que não se pode apreender na totalidade. Nesse sentido, relato na íntegra a fala de uma interlocutora que ilustra, através de sua experiência pessoal, que as experiências são, simultaneamente, individuais e coletivas:

(...) Até hoje eu não entendo, perdi as contas de quantas vezes o bombeiro trazia as pessoas amarradas ali pro MEFA para o Sr. Luiz dar conta, e o pior de tudo é que só ele conseguia resolver, porque naquela época as outras casas espíritas não aceitavam aquelas pessoas, e eram eles mesmos que encaminhavam, davam o endereço e tudo para os bombeiros encaminharem a pessoa para o Senhor Luiz. Elas



chegavam amarradas, gritando, “tripudiando”, pareciam que estava tendo um ataque convulsivo, espumando pela boca, as pessoas tinham muito medo daquilo e o senhor Luiz era o único que amansava estes espíritos que tomavam o corpo das pessoas. Eu presenciei uma cena lá no MEFA que até hoje eu não consigo entender o que foi. Teve uma vez que chegou um cara lá no que o bombeiro que levou, o homem estava muito atormentado, parecia um cão tomado por uma raiva sem fim, os espíritos que estava com ele devem ser das trevas porque ele estava totalmente fora da normalidade. Lembro que era 15 homem e não conseguia controlar e segurar o cara de jeito nenhum, o espírito estava muito bravo. E isso é algo que nunca vou esquecer na minha vida, o Senhor Luiz simplesmente mandou os bombeiros trazer o cara para dentro do salão, mas não era pra ele entrar ainda. O senhor Luiz pegou um copo americano com água, entrou no salão, na direção da porta, onde estava o cara sendo controlado pelos bombeiros, e disse: - Sai todo mundo do rumo da porta. E os bombeiros não queriam saltar, porque ele estava muito bravo e tomado pelo espírito, e as pessoas começaram a ficar com medo, porque se soltassem aquele homem, bravo do jeito que estava, ele iria avançar em todo mundo, e naquele momento ninguém entendeu o que o senhor Luiz estava fazendo. E aí ele insistiu mais uma vez e disse: - Pode soltar! Pode Soltar! Quando os bombeiros soltaram o cara, ele começou a querer engrossar, e nesse momento o Senhor Luiz soltou o copo no chão e deu aquele estouro, e aí o copo espatifou no chão, de repente você olhava para o chão e não via caco de vidro e nem a água, sumiu tudo. Até hoje eu não consigo entender o que aconteceu, nem onde foi parar os cacos e a água que estava dentro do copo. Voou caco pra todo o lado, e depois quando e em fração de segundos quando você procurava o caco não tinha mais nada, evaporou tudo! E o homem, depois que ele jogou o copo no chão o homem ficou calmo, agradeceu Senhor Luiz, tomou água, conversou com o Sr. Luiz, e foi embora como se não estivesse acontecido nada! Simplesmente acabou. Já houve muitos casos de gente que chegava acorrentada no MEFA, tomada por espírito, e o Sr. Luiz mandava soltar, e o espírito parava nos pés dele, de repente ficava calmo, passava tudo aquilo, eu nunca entendia o que acontecia (Maria, entrevista Jul/2013).

Os fenômenos da possessão também marcam a presença muito forte de entidades características das religiões Umbandistas, e que nas duas casas era comum a ideia de que a prática ocorria com muito mais impactos do que os que ocorrem hoje em dia. O termo ‘possessão’ passa a ser transformado em outras categorias que tornam-se presentes devido a necessidade de se afastar de um aspecto inferior e se aproximar de um elemento substituto que pudesse sinalizar que, a partir daí, o fenômeno da posse passa por um período de domesticação. Este elemento transformador busca a racionalização do fenômeno, mas não exclui de modo algum os aspectos vitais de sua função simbólica para a sobrevivência dos sinais diacríticos pertencentes ao Espiritismo



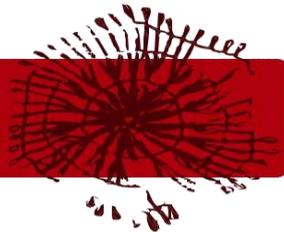
e a Umbanda. Embora a prática se torne cada vez mais transparente e sutil, a comunicação com os espíritos ainda permanece como um forte produto simbólico. Ao passo que a presença das entidades, tanto da Umbanda, quanto do Espiritismo se torne menos performática e passa a ser mais alinhada, disciplinada e normativa, mais se afastada do fenômeno, fazendo com que a tentativa de apreender essa comunicação via linguagem corporal extrapole a individuação do fenômeno, conduzindo-nos a adentrar a outros espaços estabelecidos por estas relações, o que possibilita um panorama maior para apreendermos o espírito<sup>3</sup>, destas relações, e as relações das entidades em redes espirituais, considerando que humanos e espíritos participam e agenciam a tecelagem. O desdobramento desta abordagem ontológica é privilegiar não somente a individuação - ou o coletivo - do fenômeno da posse, mas a relação existente entre estes com as agências espirituais.

Nesse sentido, é importante refletir em que contexto as agências espirituais atravessam a dinâmica do contexto social em estâncias humanas e sociais, neste caso, referente ao fenômeno do trânsito religioso, constatado durante a realização desta pesquisa. A análise do percurso entre as casas religiosas foi uma forma de abordar as relações entre os atores sociais, embora outros elementos apareceram durante as entrevistas e no entendimento de como o trânsito era constituído, sendo assim, percebe-se que há também o trânsito dos espíritos, pois, à medida que as pessoas transitam, os espíritos também transitam revestindo-se de identidades dinâmicas que expressam o sentido dialógico existente entre a Umbanda e o Espiritismo. Os humanos transitam através das lógicas das relações e os espíritos através das expressões simbólicas revestidas de sentido oferecidas tanto por uma religião, quanto pela outra.

Durante a pesquisa aprofundei na trajetória da casa espírita MEFA e do terreiro umbandista Reino de Ogum Beira Mar, no entanto, outra casa religiosa apareceu nas falas dos interlocutores quando estes tentavam compreender a formação do MEFA, a referida casa chama-se Centro Espírita Ismael. Este centro é identificado pelo grupo como um espaço religioso aos moldes ortodoxos na doutrina Espírita, o que significa que os personagens e elementos de Umbanda não fazem parte do contexto pragmático

---

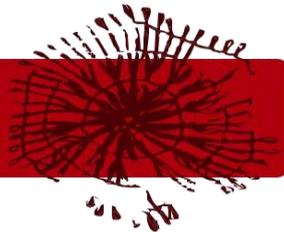
<sup>3</sup> Este termo foi utilizado no sentido de expressar a ideia de Bruno Latou quando se refere ao espírito das coisas. Ao dizer que o capitalismo é uma entidade dotada de espírito, quis dizer que, existem forças que operam de forma indireta e invisível, e que transitam entre as relações sem que nos demos conta disso de modo direto (LATOURE, 2012).



da casa. Logo, a relação estabelecida com os espíritos transforma-se em novas roupagens. Um dos mediadores que frequenta o Terreiro Reino de Ogum Beira Mar frequenta a casa Centro Espírita Ismael em dias alternados, logo, na mesma semana é médium do terreiro e é médium do centro espírita. Grosso modo, às sextas-feiras no terreiro recebe um ‘preto-velho’ chamado ‘Pai João de Aruanda’, e às quartas-feiras, o médium exerce comunicação com os espíritos no Centro Espírita Ismael.

Obviamente, as atividades desenvolvidas no terreiro e no centro são diferentes, no entanto, segundo o médium interlocutor, a entidade ‘preto velho’ que ele incorpora no terreiro, é um irmão de nome Lúcius que está presente no centro Espírita todas as quartas-feiras. Para o médium, o espírito é o mesmo, o que muda é a vestimenta energética que é a dinâmica, assim, afirma que um ‘preto-velho’ pode se revestir de um ‘irmão de luz’ para que ali possa efetuar sua função na relação que é estabelecida com os humanos. Com isso, concluí que quando os médiuns transitam, os espíritos também transitam, no entanto, a presença é altamente plástica e dinâmica, demonstrando que os espíritos também estabelecem políticas e negociam sua presença de acordo com o espaço em que se relacionam com as agências humanas. A partir desta constatação vivenciada no trabalho de campo, foi possível propor novas problemáticas no que se refere à relação entre humanos e espíritos, no sentido de propor uma expansão nos observações sobre o fenômeno da possessão, tendo como base o fato de que não importa a natureza da possessão, dos usos da noção de mediunidade como atributo para iniciar um processo de domesticação das manifestações entre indivíduo e entidade, o importante é, seguindo esta constatação fundamental, compreender esse fenômeno enquanto uma relação instaurada, validando múltiplas possibilidades de existência.

A seguir serão apresentados alguns caminhos epistemológicos para propor novas possibilidades que podem dar maior visibilidade e contribuição elementar para compreender outros campos que podem auxiliar na construção de um entendimento mais abrangente dos estudos do fenômeno da posse.

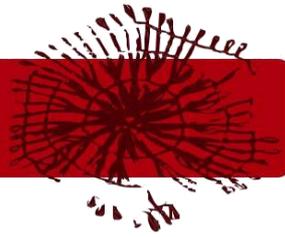


## A ONTOLOGIA DAS REDES ESPIRITUAIS

O aspecto ontológico característico da relação entre humanos e agências espirituais está embasado no pensamento proposto pelo filósofo Bruno Latour (2012), quando começa a problematizar o uso da categoria social. O social não é uma categoria construída a partir de um domínio circunscrito, assumindo uma capacidade de explicar outras possibilidades do social vinculado em algum outro estado de coisa. O social é mencionado como substância unificadora que se encontra em algum local onde habita o cenário das abstrações, conduzindo-nos a pensar na possibilidade de englobar um mundo em outros mundos, desapegando-nos do visível e concebendo o invisível de modo extensivo e relacional abrangente, sem começo nem fim. O autor denomina ‘*sociologia das associações*’ e expressa a capacidade de elementos heterogêneos com capacidades de se associarem. Assim, a estrutura, bem como as interações e suas possibilidades ilimitadas, é uma abstração que escapa da visibilidade e percorre universos do campo invisível e altamente sutil. O autor busca conectar-se com o espírito das coisas: “Entramos num mundo que deixou de ser rastreável, um mundo que corre o risco de ser invadido pelas fadas, dragões, heróis e feiticeiras da sociologia crítica” (LATOUR, 2002, p.230).

Latour retorna a natureza quando viabiliza a possibilidade de relacionar humanos e não-humanos, o que possibilita a entrada de agente invisíveis presentes - ainda que não captados pelas sensações mais sim, por outras vias sensoriais que permitem a existência. Nesse sentido, a crença não está para o ‘crer’ como está para as relações que se conectam e se transformam em estruturas abstratas que caminham com os indivíduos com os quais interagem de forma fluida e contínua (LATOUR, 2002). Neste aspecto, não se concede relevância ao caráter hierárquico, pois, a partir do momento que nos dispomos a transitar, traspasar, transcender-se de um lugar pro outro de forma livre, estamos destinados a nos relacionar, a conectar a deslocar e expandir nosso campo de possibilidades de conhecer e comunicar-se.

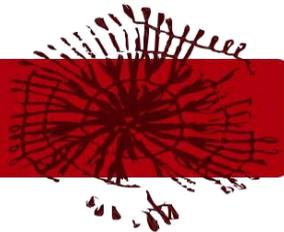
O social é múltiplo e desencadeia associações que encontram conexidades à medida que há esta possibilidade e estas conexidades produzem o social do ponto de vista dialógico. As redes só existem à medida que o real se articula com a função de conectar relações entre humanos e não-humanos. Neste caso, esta ideia nos alerta sobre



a possibilidade de conceder um espaço para pensar as agências espirituais como agências não humanas, mas que estão conectadas às redes de relações humanas, conduzindo-nos a refletir sobre a importância de demonstrar a existência dessas redes através da descoberta dos elementos conectores. Isso nos possibilita refletir sobre como a prática da possessão pode ser pensada, considerando o contexto filosófico do pensamento de Latour, e o quanto a aplicação metodológica da abordagem de rede - e as associações nelas existentes - possibilitam ampliar os campos de possibilidade de entendimento desse fenômeno. Será mesmo que o único modo de explicar este fenômeno é através da individuação da experiência? Ou poderíamos incluir agências espirituais a fim de apreender a natureza das associações entre humanos e espíritos?

Márcio Goldman apresentou um artigo na *LASA - Latin American Studies Association* (Associação de Estudos Latino-Americanos – tradução nossa) em maio de 2016, traduzido em 2017 para a língua inglesa. Nesta apresentação, o autor apresentou suas experiências no trabalho de campo realizado em 2006 na cidade de Ilhéus, localizada no Sul da Bahia num terreiro do orixá *Matamba*, identificado por uma das modalidades das religiões de matriz africana, o Candomblé. Durante sua fala, foram descritas algumas tensões presenciadas por ele envolvendo o chefe de terreiro e o “dono da casa”, o orixá. A partir deste acontecimento, o terreiro é um espaço não somente de culto, mas também, um espaço político. As tensões que envolviam o chefe do terreiro e médiuns, também contavam com a participação das entidades (o orixá), como parte do processo, tanto que, enquanto a reunião acontecia, as entidades incorporavam e participavam das discussões a fim de solucionar e ordenar a estrutura organizacional do terreiro envolvendo as relações e os conflitos, assim, afirma: “(...) num terreiro, outros seres entram no jogo, mesmo quando o antropólogo não deseja” (GOLDMAN, 2017, p.02).

Latour enfatiza: “o exato papel atribuído aos não humanos. Eles precisam ser atores e não meras projeções simbólicas” (LATOUR, 2012, p.29). Esta perspectiva é um dos elementos da participação das agências espirituais entre os humanos e suas relações sociais. Numa experiência empírica vivenciada por mim, a autora desse artigo, ouvi de uma entidade a seguinte afirmação em agosto de 2006 durante uma incorporação: “*quem coloca comida dentro dessa casa sou eu, quem trabalha sou eu*”). Em hipótese, a inconsciência ou posse espiritual é um caso exemplar para designar os



imediatismos do fazer antropológicos em delimitar aquilo que existe (ou seja, a nossa realidade enquanto cientistas humanos) do inexistente dos seres e das forças, pois não se pode prever a capacidade que temos de apreender este cosmos de relações que nos escapam, em reconhecimento das nossas limitações teórico-metodológicas e até mesmo nossas limitações humanas, considerando que estas experiências são parte da realidade de outra pessoa, a qual buscamos nos aproximar por meio de um entendimento que operamos através da inteligibilidade da observação.

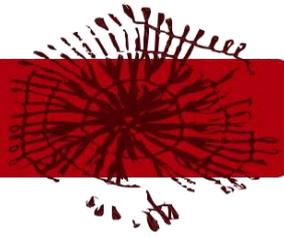
Os mundos existentes são uma extensão, um desafio ao exercício antropológico que excluem o cosmo daqueles que nos dispomos a compreender. A ontologia do fenômeno da posse, não é sobre o que existe e o que não existe, mas, sim, sobre o modo como tratamos as relações tecidas de forma transcendente e ilimitada, dentro de um vasto campo rizomático, como múltiplas possibilidades de conexão que caminham e operam num circuito aberto sem começo nem fim. Estas relações não devem ser tratadas de modo ativo ou substancial. Desta forma, a problematização de Márcio Goldman é no sentido de um processo de inclusão da realidade definida por aqueles com que entramos em contato e que envolve as relações descritas e analisadas excluindo a negação da realidade vivenciada por aquela realidade (GOLDMAN, 2017).

Por isso, a ideia de articulação dos corpos<sup>4</sup> de Latour (2002) nos permite aproximarmos de como esta relação se instaura a partir dos movimento dos corpos, pois na medida que se um move, o outro assume o controle, e, desta forma, apreender esta instauração só é possível no instante em que admitimos as agências humanas como parte desse cosmos. De modo mais amplo, as redes da espiritualidade emergem a partir destas relações e do que elas são capazes de produzir tanto para um quanto para o outro (humanos e não-humanos). A partir desta constatação, será possível apreender estas abstrações e a complexidade que elas geram, não somente nos que vivem esta realidade de um modo individual, mas aqueles que participam da experiência individual transformando estas experiências num aspecto coletivo.

A exemplo da experiência do fenômeno da posse sob o aspecto da coletividade, é preciso pensar como a articulação dos corpos entre espíritos e humanos são capazes de produzir e transformar uma experiência em comum, e que, apesar de única, reflete naqueles que as informam e comunicam. Como exemplo: uma entidade da Umbanda,

---

<sup>4</sup> A ideia de articulação é desenvolvida por Bruno Latour ao escrever sobre os corpos normativos.

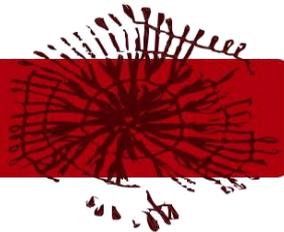


um ‘preto velho’, possui uma relação com seu mediador, mas também se relaciona com outras pessoas que estão naquele momento compartilhando daquela experiência, logo, o fenômeno da posse é compartilhado, e afeta diretamente os outros corpos com quem interage e produz novas redes, uma vez que as redes estão sujeitas a transformação, expansão e inversão de novos elementos.

Do mesmo modo ocorre quando o fenômeno da posse envolve espíritos mais agressivos, que é o caso da matriz Espírita, em que as pessoas também entram em contato com o que a articulação dos corpos produz e transforma em novas formas de relação e impressão, pois a experiência de quem “incorpora” um espírito, não é a mesma experiência de quem entra em contato com aquela relação articulada. Logo, se trata de uma rede que produz interações e transforma relações interligadas e extremamente complexas. Mas, antes de pensar em como abordar esta realidade da realidade que gera uma realidade da relação, é pensar em como isso interfere no modo explicativo da realidade do outro com o “outro” incluindo as existências não humanas.

Ao citar Roger Bastide, Goldman (2009) situa a possessão não como uma imitação ritual, mas, sim, como uma realidade que só pode ser aproximada com as experiências vividas, isso permitiria um campo para adentrar a realidade do mundo dos deuses com maior facilidade, com isso, ressalta que a inconsciência é uma experiência vivida. Um caminho para dar conta de pensar esta questão é utilizar o termo de Malinowsky intitulado “*uma etnografia da inconsciência e da posse*”, em se tratando de uma teoria que poderá ser desenvolvida no instante em que é baseada em teorias nativas, considerada do ponto de vista ontológico e epistemológico, pensando o fenômeno da possessão como teoria nativa, à medida que surge justamente da crença dos espíritos (GOLDMAN, 2017). E esta crença existe nos termos latouriano, ou seja, não é uma crença que se opõe à descrença, mas, sim, na crença que se constrói a partir das relações que se estabelecem conexões (LATOURE, 2002).

Outra consideração importante é a consciência das múltiplas experiências do fenômeno da posse. A articulação do fenômeno da possessão é uma experiência muito debatida entre os intelectuais. No entanto, os autores se voltam para pensar a possessão de modo restrito às religiões afro-brasileiras, mas cabe mencionar a existência de outros grupos transformadores do fenômeno da possessão e, considerando a produção dessas agências, os modos de conceber e dar sentido a esta prática que se transformam (LEVI-

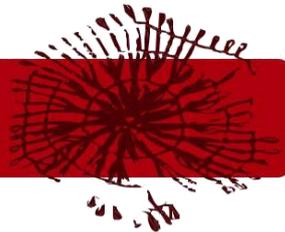


STRAUSS, 1976). Logo, falar sobre a possessão no Candomblé ou na Umbanda não é o suficiente, pois existem outros campos religiosos que também produzem sentido a partir da articulação dos corpos (relação Espíritos e Humanos). É o caso, por exemplo, das igrejas neo-pentecostais, que também viabilizam a prática da possessão em seus rituais, mas de outras formas, por outras vias, códigos que devem ser encarados aqui como aqueles grupos transformadores de uma mesma estrutura mitológica, a qual menciona Levi-Strauss. Mas não somente a possessão possui especificidades nas igrejas evangélicas, como também, na religião Espírita.

A religião espírita se apropria da ideia de possessão aos moldes das ideias evolucionistas, aderindo ao discurso de que a possessão é um sistema de obsessão complexa, e parte dos possuídos se enquadram dentro de um campo médico de doenças psicossomáticas, ainda que o princípio ativo possa estar ligado diretamente ao espírito. A relação do espiritismo com o fenômeno da possessão é bem distinta das explicações fornecidas pelas categorias nativas, como bem apresenta Márcio Goldman, mas, neste caso, a diferença entre a possessão do ponto de vista Espírita é uma categoria que passa por transformações ao longo do processo do que eles chamam de '*os ensinamentos das obras básicas da doutrina Espírita*'. Aqui, a realidade vivida na prática da possessão é um processo contínuo em que o elemento transformador exerce a função de que, a partir de um quadro inconsciente, se deve chegar a um quadro consciente.

A consciência é um elemento importante para pensar a experiência do transe. E parte desta nova composição de entendimento da função da posse se deve ao advento da noção de mediunidade. A possessão, à luz da mediunidade, é um campo contínuo e transformador. A manifestação marcada pela possessão se transforma dentro de um processo doutrinário, cujo objetivo é domesticar e trazer preceitos doutrinários em que tais elementos vão transformar aquilo que denominam um atraso e falta de doutrina do mediano em *irradiação de espíritos*, neste caso, quanto maior a consciência, maior o controle de si e maior o reconhecimento dos outros componentes que participam da trajetória vivida do mediador. Neste acaso, a relação também aparece de modo coletivo, pois a experiência "mediúnica" ou da possessão afeta os que compartilham daquela experiência individual.

Considerando as múltiplas maneiras de pensar o fenômeno da possessão, ou seja, dessa relação dos agentes humanos e espirituais, Mary Douglas (1970) faz uma



classificação das distinções do estado do transe e, dentre elas, considera a possessão uma experiência em que o homem perde o controle de si deixando-se tomar completamente pelas interferências das agências espirituais - seja por espírito, ou outras forças que designam a presença da divindade - dessa maneira, a inconsciência é um atributo predominante nos discursos dos interlocutores que assistem e vivenciam esta experiência. Em contrapartida, a mediunidade é um estado característico em que se permite a comunicação “direta” com o espírito, seja através do diálogo, cartas, imagens, intuições, sensações.

A experiência mediúnica é vasta e o objetivo é intercambiar com o plano espiritual mesmo envolvendo um modo de obter informação ou até mesmo poder. Neste caso, a consciência é valorizada, em contrapartida, a perda desta consciência é desejada tendo o culto uma conotação positiva do transe. Com isso, independente das transformações e classificações que explicam o fenômeno do transe, tentando visualizar de modo mais amplo, a possessão, a mediunidade e o êxtase como manifestos do transe, as regularidades destas múltiplas experiências estão embasadas na natureza das relações que extrapolam o social e se dirigem a instâncias não humanas, e estas relações se fixam nas crenças na capacidade de estabelecer relações com outros planos do social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir, devemos pensar nas contribuições da sociologia das associações, sob a ótica da filosofia de Latour de modo mais geral, para dar continuidade às pesquisas que envolvem o campo do fenômeno da posse. Vale ressaltar a importância de pensar nas trajetórias articuladas entre os corpos envolvendo agências humanas e espirituais, e como essas relações são capazes de produzir redes conexas e incluir outros corpos coletivos tanto do lado de ‘cá’, quanto do lado de ‘lá’. Pois se aqui há influências coletivas nas experiências singulares da possessão, certamente entre não humanos, essas coletividades também compõem relações com os seus, os espíritos. Indo além, o destaque desta reflexão é pensar que, se a experiência da possessão é concebida como uma teoria nativa, como vimos anteriormente, é importante atribuir valor e conceder a este fenômeno um espaço que também capaz de produzir conhecimento. Um

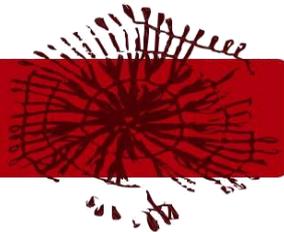


conhecimento que pode entrar em contato com outros conhecimentos, como a filosofia indígena, a religião hindu, dentre tantas outras formas de relações.

A produção do conhecimento espiritual envolve agenciamentos que podem ser mais bem explicitados nas considerações de Bruno Latour, pois é a partir daí que o pensamento é direcionado às agências espirituais. Os estudos desta prática operacional de relação já existem desde 1900, desde então muitos estudiosos contribuíram com as explicações aos termos médicos, sociológicos e antropológicos de pensar. Mas à medida que caminhamos rumo a uma abstração da natureza desta relação que também produz conhecimento, devemos pensar e considerar que estas relações sempre existiram. O fato é que os elementos explicativos foram dispensados de modo fragmentado focando no indivíduo e na particularização desta experiência que, apesar das implicações sociais da vida dos indivíduos e das inferências dos espíritos na vida conjugal, por exemplo, não é suficiente para compreender os novos campos que invadem e transcendem o âmbito social.

De fato, trata-se de uma experiência única e universal ao mesmo tempo, no entanto, ela se coloca em relação com o outro, ainda um desconhecido (os espíritos), e envolve agências que produzem efeitos que escapam da formalização da comunicação tornando-se uma experiência do campo do sensível. Não é por acaso que as cosmopolíticas de Márcio Goldman (2017), com relação à possessão põem em evidência a necessidade de não somente acrescentar os espíritos às ações humanas, mas sim, compreender como essa relação produz novas formas de conhecimento e novos agenciamentos: de agentes humanos, aliados a agentes espirituais, novas agências se instauram e este é um desafio do pensamento antropológico que pode ser considerado um exercício. Neste momento epistemológico, os outros são convocados a dizer sobre si, segundo seus próprios termos, mas estes termos, ainda assim, se relacionam com outros agentes, sejam eles humanos ou não, o que importante é quebrar as barreiras da fronteira antropológica e incluir novas existências que participam da vida desse ‘outro’ que se propõe a analisar.

Com o intuito de voltar-nos para um pensamento puramente abstrato, pensar as relações de modo ilimitado e múltiplo pode significar um avanço nos estudos sobre o fenômeno da possessão, o transe, o êxtase, envolvendo, assim, as religiões mediúnicas, religiões universais, as formas de religiosidade e pensamento religioso. O pensar da



religiosidade está sempre intercambiando esses mundos, e à medida que nos predispomos a olhar para o que está sendo produzido e construído através destas redes fluidas e *rizomáticas*, avançamos um passo rumo às redes de espiritualidade no sentido mais amplo possível desse termo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François (2009). **A Mesa, o livro e os Espíritos: Gênese, Evolução e atualidade do movimento social Espírita entre França e Brasil.** Tradução: Glória do Amaral. Rev.Téc. Ivanilda de Gusmão Verçosa. Maceió – AL, EDUFAL.

BASTIDE, Roger (1983). **Estudos afro-brasileiros** – Org. Maria de Lurdes Santos Machado. Coleção Estudos. São Paulo – SP, Editora Perspectiva.

BIRMAN, Patrícia (2005). Transas e Transes: sexo e gênero nos cultos afro brasileiros, um sobrevoo. In. **Estudos Feministas**, Florianópolis, N.13 (2) Mai/Ago, pp.403-414.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (2008). **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social.

DOUGLAS, Mary (1970). **Natural Symbols: Explorations in Cosmology.** London. Barrie & Rockchiff: The Cresset Press.

GOLDMAN, Márcio (2005). Os tambores do antropólogo: antropologia pós -social e etnografia. Ponto Urbe. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, Vol. 3, pp 1-11.

\_\_\_\_\_. (2012). **Reagregando o Social.** Salvador: EDUFBA.

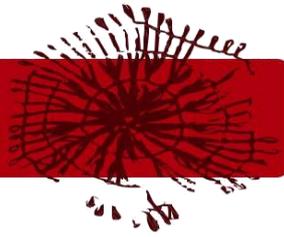
\_\_\_\_\_. (2016). **O sonho, o transe e a loucura.** São Paulo: Três Estrelas.

\_\_\_\_\_. (2003). Os tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos: Etnografia, antropologia e política em Ilhéus – BA. **Revista de Antropologia USP.** Vol. 46 (2), pp. 445-476.

\_\_\_\_\_. (2017). **The Ontology of possession in Bahia Candomblé.** Latin American Studies Association. OAC Seminar.

HAYES, Kelly Black (2004). **Magic at the margins: Macumba in Rio de Janeiro an ethnographic, Analysis of a Religions.** PhD in History of Religions, University of Chicago: Life.

LATOUR, Bruno (2002). **Reflexões sobre o culto moderno dos Deuses Fe(i)tiches.** Trad. Sandra Moreira, Bauru, São Paulo, EDUSC.



LEVI-STRAUSS, Claude (1970). **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

ORTIZ, Renato. (2015). **Universalismo e Diversidade**: contradições da modernidade-mundo. 1ª ed. São Paulo: Boitempo.

RODRIGUES, Raimundo Nina (1935). **Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Bib. Div. Científica II, pp. 1896-1900.

SERAFIM, Vanda Fortuna (2010). **O discurso de Raimundo Nina Rodrigues acerca das Religiões Africanas na Bahia do século XIX**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Orientação: Solange Ramos de Andrade.